

A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: CONTRIBUIÇÕES DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Marilene Marzari¹
Valéria Marcia Queiroz²

Resumo:

Esse artigo teve como objetivo refletir os resultados do projeto de extensão “Educação em tempos de pandemia: contribuições das Ciências Humanas e Sociais” desenvolvido por professores ligados ao Curso de Letras/Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS), do Campus Universitário do Araguaia (CUA) que organizaram temas envolvendo áreas de conhecimentos como filosofia, sociologia, ciência política, educação, psicologia com o propósito de abordarem questões econômicas, sociais, culturais e educacionais desencadeadas pelos efeitos epidemiológicos provocados pela Pandemia Covid-19. O projeto teve como objetivo principal discutir com os acadêmicos e membros da comunidade externa temas diversos relacionados à educação que afetam, em tempos de pandemia, pessoas e grupos sociais, principalmente, os mais vulneráveis em termos econômicos e sociais. O projeto foi aberto para os acadêmicos dos cursos de licenciatura e bacharelado e membros da comunidade externa que tiveram encontros semanais, via Plataforma Google *Meet*, com a mediação dos professores propositores dos diferentes temas. A avaliação realizada pelos envolvidos mostrou a importância desse projeto para uma melhor compreensão do cenário nacional, principalmente no contexto de pandemia, que tem afetado de uma forma ou de outra a todos/as, mais, com maior, intensidade os grupos mais vulneráveis da sociedade tanto em relação as condições concretas de vida como na educação escolar. Com isso, as aulas foram suspensas sem que se tenha tido uma política governamental para atender uma parcela significativa de estudantes que ficaram sem ter acesso as tecnologias de informação e comunicação e, portanto, excluídas do ensino *on-line* e, também de outras possibilidades de continuar aprendendo os conhecimentos escolares.

Palavras-chave: Pandemia. Vulnerabilidade Social. Educação. Ensino *On-line*.

LA EDUCACIÓN EN TIEMPOS DE PANDEMIA: CONTRIBUCIONES DE LAS CIENCIAS HUMANAS Y SOCIALES

Resumen:

Este artículo tuvo como objetivo reflejar los resultados del proyecto de extensión “Educación en tiempos de pandemia: aportes de las Ciencias Humanas y Sociales” desarrollado por profesores vinculados al Curso de Letras / Instituto de Ciencias Humanas y Sociales (ICHS), del Recinto Universitario Araguaia. (AUC) quienes organizaron temas relacionados con áreas del conocimiento como la filosofía, la sociología, las ciencias políticas, la educación, la psicología con el propósito de abordar los problemas económicos, sociales, culturales y educativos desencadenados por los efectos epidemiológicos provocados por la Pandemia Covid-19. El objetivo principal del proyecto fue discutir con académicos y miembros de la comunidad externa diversos temas relacionados con la educación que afectan, en tiempos de pandemia, a personas y grupos sociales, especialmente a los más vulnerables en términos económicos y sociales. El proyecto estuvo abierto a estudiantes de grado y bachillerato y miembros de la comunidad externa que mantuvieron reuniones semanales, a través de la

¹ Doutora em Educação. Campus Universitário do Araguaia/CUA/UFMT. E-mail: marilenemarzari@gmail.com

² Doutora em Sociologia. Campus Universitário do Araguaia/CUA/UFMT. E-mail: ym.queiroz@uol.com.br

Plataforma Google Meet, con la mediación de profesores que proponen diferentes temas. La evaluación realizada por los involucrados mostró la importancia de este proyecto para un mejor entendimiento del escenario nacional, especialmente en el contexto de una pandemia, que ha afectado de una forma u otra a todos, más, con mayor intensidad, a los más vulnerables. grupos de la sociedad, tanto en términos de condiciones de vida concretas como en la educación escolar. Como resultado, se suspendieron las clases sin tener una política gubernamental para atender a una porción significativa de estudiantes que quedaron sin acceso a las tecnologías de la información y la comunicación y, por lo tanto, excluidos de la enseñanza en línea y también de otras posibilidades de continuar aprendiendo conocimientos escolares.

Palabras clave: Pandemia. Vulnerabilidad social. Educación. Enseñanza online.

EDUCATION IN PANDEMIC TIMES: CONTRIBUTIONS FROM HUMAN AND SOCIAL SCIENCES

Abstract:

This article aimed to reflect the results of the extension project “Education in times of pandemic: contributions from Human and Social Sciences” developed by professors linked to the Course of Letters / Institute of Human and Social Sciences (ICHS), of the Araguaia University Campus (AUC) who organized topics involving areas of knowledge such as philosophy, sociology, political science, education, psychology with the purpose of addressing economic, social, cultural and educational issues triggered by the epidemiological effects caused by the Covid-19 Pandemic. The main objective of the project was to discuss with academics and members of the external community various topics related to education that affect, in times of pandemic, people and social groups, especially the most vulnerable in economic and social terms. The project was open to undergraduate and bachelor's degree students and members of the external community who had weekly meetings, via the Google Meet Platform, with the mediation of professors proposing different themes. The evaluation carried out by those involved showed the importance of this project for a better understanding of the national scenario, especially in the context of a pandemic, which has affected in one way or another to all, more, with greater intensity, the most vulnerable groups in society. both in terms of concrete living conditions and in school education. As a result, classes were suspended without having a government policy to attend a significant portion of students who were left without access to information and communication technologies and, therefore, excluded from online teaching and also from other possibilities of continue learning school knowledge.

Keywords: Pandemic. Social vulnerability. Education. Online Teaching.

Introdução

O vírus SARS-CoV-2 se manifestou pela primeira vez no mundo, em dezembro de 2019, na República Popular da China, na cidade de Wuhan, província de Hubei. O surto desse vírus culminou na disseminação da doença e a Organização Mundial de Saúde (OMS), em 11

de março de 2020, declarou a Covid-19 em Pandemia³. Muito rapidamente, o vírus passou a ser transmitido para milhares de pessoas em diferentes continentes atingindo países, como o Brasil, que teve a presença da doença confirmada em fevereiro de 2020. A presença da doença no país tornou necessária a tomada de decisões, por parte de autoridades governamentais e de saúde, e ações da sociedade antes nunca vivenciadas.

Uma delas foi a necessidade de isolamento social que levou ao fechamento de atividades econômicas, religiosas, esportivas, lazer entre outras para evitar as aglomerações de pessoas e, conseqüentemente, a disseminação do vírus. As pessoas “contaminadas” pelo vírus foram cerceadas do próprio convívio familiar, causando ansiedade, tristeza, insegurança, medo, desespero, estresse entre outros, nos momentos mais sensíveis e críticos da vida.

Outra questão importante foi a suspensão das aulas presenciais que atingiu milhares de crianças, jovens e adultos, muitos dos quais ficaram sem condições concretas de acesso aos conhecimentos escolares e outros tiveram aulas, por meio de aparatos tecnológicos, a partir de suas residências. Isso desencadeou em desafios tanto para os professores que atuam na educação básica e/ou ensino superior como para estudantes e famílias que precisam se reinventar, todos os dias, para atender as demandas impostas pela pandemia e, conseqüentemente, pela educação ofertada por meios tecnológicos.

Além disso, a pandemia revelou uma realidade preocupante que envolve milhares de pessoas; por um lado, estão as que sobrevivem em condições de pobreza e extrema pobreza; portanto, impedidas de ter acesso as condições mínimas de higiene, água tratada, esgoto sanitário e moradia que permita cuidados essenciais para evitar a contaminação e/ou a disseminação do vírus; por outro, estão os que tiveram sua situação econômica, social e cultural comprometidas. Soma-se a isso questões graves como a fome, a violência doméstica, a discriminação, as doenças psicossomáticas, as diferentes situações de luto entre outras que atingem, de forma perversa, principalmente as populações em condições de vulnerabilidade social.

Para uma melhor compreensão desse contexto pandêmico, professores do curso de Letras do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS), do Campus Universitário do Araguaia (CUA), ligados as áreas de Filosofia, Sociologia, Pedagogia, Psicologia e Ciências Políticas desenvolveram o projeto de extensão denominado “Educação em tempos de pandemia: contribuições das Ciências Humanas e Sociais” que teve como objetivo discutir com acadêmicos e membros da comunidade externa temas diversos relacionados a educação

³ A Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou que o nome oficial da doença causada pelo novo coronavírus passará a ser Covid-19.

que afetam, em tempos de pandemia, pessoas e grupos sociais, principalmente, os mais vulneráveis em termos econômicos e sociais. A base epistemológica do projeto esteve pautada em arcabouços teóricos, a partir de temas que dialogaram com a realidade, para pensar que outro mundo é possível desde que tenhamos a capacidade de reagir ao mal estar desumanizador que estamos submetidos.

Os temas desenvolvidos entrelaçaram os conceitos teóricos com as experiências e as reflexões acerca da humanidade e sua reação diante da tragédia vivida e da esperança na construção de uma sociedade onde todos/as possam usufruir dos bens produzidos historicamente.

Nesse sentido, os professores envolvidos realizaram uma análise que conectou os temas relacionados com a pandemia com reflexões pautadas nos fundamentos da filosofia, da pedagogia, da sociologia, da psicologia, da ciência política e conhecimentos teórico-práticos.

O referido projeto envolveu acadêmicos dos cursos de licenciatura e bacharelado do Campus Universitário do Araguaia (CUA/UFMT) e de outras instituições públicas e privadas e membros da comunidade externa. Foram discutidos 7 temas desenvolvidos em 11 encontros que aconteceram semanalmente no período de setembro a dezembro de 2020, em ambientes virtuais (síncrono), no horário das 19h às 21 h, pela Plataforma Google Meet.

Em relação as inscrições, realizadas no mês de agosto, os propositores tinham a preocupação de manter um número que permitisse a participação nas discussões e decidiram pela abertura de cinquenta vagas que foram preenchidas no primeiro dia e, diante das demandas, ampliadas para sessenta. Vale destacar algumas questões importantes como a média diária nos encontros, entre 55 e 56 participantes, e a origem dos mesmos, que pertenciam a diferentes municípios de dez estados do Brasil: Abaetetuba/PA, Água Boa/MT, Aracaju/SE, Aragarças/GO, Baliza/GO, Barra do Garças/MT, Bom Despacho/MG, Britânia/GO, Cabedelo/PB, Canarana/MT, Canguaretama/RN, Cuiabá/MT, Duque de Caxias/RJ, Goiânia/GO, Ilhéus/BA, Nova Xavantina/MT, Novo São Joaquim/MT, Ouro Preto/MG, Pontal do Araguaia/MT, Quijingue/BA, Rubim/MG e Santa Maria/RS.

No término dos encontros síncronos, os participantes do projeto responderam a um questionário, com questões fechadas e abertas avaliando tanto os temas abordados como os respectivos responsáveis pela seleção dos textos, planejamento do(s) encontro(s), fundamentação teórica, a mediação didática, o tempo dedicado as discussões, entre outros. Além disso, avaliaram as contribuições dos temas para a formação pessoal e profissional, a experiência em participar de um projeto de extensão por meio de uma Plataforma *on-line* e emitiram sugestões, críticas, elogios no tocante a totalidade do projeto: “Educação em tempos

de pandemia: contribuições das Ciências Humanas e Sociais”.

Os proponentes do projeto realizaram a avaliação dos participantes a partir das leituras dos textos, das discussões durante os encontros virtuais, das relações teóricas estabelecidas com o contexto social vivenciado, entre outros. Além disso, os participantes produziram um texto final, referente a um ou mais temas abordados, de forma coletiva e/ou individual, para compor a carga-horária do curso de 40 horas distribuídas da seguinte forma: 21 referiram-se aos momentos síncronos (ambiente virtual), 09 horas destinadas às leituras dos textos e 10 horas para a produção final. Disso dependeu a emissão dos certificados que considerou a carga-horária participada nos encontros síncronos, a leitura dos textos e a produção do texto final. Além disso, foi oferecida aos participantes a oportunidade de produzirem artigos, referentes aos temas discutidos no projeto, para compor a publicação de um dossiê na Revista Panorâmica *on-line*.

Pandemia: quem são os mais afetados?

O avanço da pandemia no mundo não deixou dúvidas de que a população mais vulnerável socioeconomicamente foi a mais afetada, pois, como defende Harvey “[...] o impacto econômico e demográfico da disseminação do vírus depende de fissuras e vulnerabilidades preexistentes no modelo econômico hegemônico” (HARVEY, 2020, p. 16). No sistema econômico vigente, marcado pelas desigualdades sociais, as principais consequências da pandemia foram vivenciadas por aqueles que estiveram historicamente vitimados pela inexistência de políticas públicas voltadas para questões como saúde, educação, alimentação, moradia, saneamento básico, entre outras dificuldades que atingem diretamente os mais frágeis economicamente.

O Brasil, em sua trajetória histórica, tem sido marcado pelo aprofundamento e agravamento das desigualdades sociais e, para um melhor entendimento desse processo, o projeto iniciou discutindo as questões pertinentes aos “Impactos da Pandemia COVID-19 e o escancaramento das desigualdades sociais no Brasil”, discussão que ficou sob a responsabilidade de dois sociólogos, Prof. Dr. Hidelberto de Sousa Ribeiro e Prof^a. Dr^a. Valéria Marcia Queiroz, e teve como objetivo discutir o escancaramento das desigualdades sociais no Brasil “revelado” pelos efeitos da Pandemia Covid-19⁴. De acordo com os referidos professores, a situação desencadeada pela disseminação do vírus provocou impactos em todos

⁴ Em termos científicos os efeitos epidemiológicos da Pandemia Covid-19, são provocados pelo vírus SARS-CoV-19.

os setores sociais e para enfrentar o contexto pandêmico seria necessário a formação da consciência, por parte da população, e de ações dos gestores de instituições públicas e privadas, principalmente relacionadas à preservação do meio ambiente, a distribuição de renda, investimentos em infraestrutura em termos de saneamento básico, na coleta e tratamento de lixo, nos cuidados com a água e seu tratamento, no atendimento médico, entre outros. Para isso, a ciência, a cultura, a educação, o ensino e a aprendizagem deveriam ser prioridade de todos os governantes.

Quando os efeitos de uma pandemia não são levados a sério pelas autoridades competentes - gestores públicos – acabam escancarando a divisão de classes que; por um lado, revela as desigualdades e as vulnerabilidades sociais de uma parcela significativa da sociedade e; por outro, enfatiza a elitização das classes dominantes. Nesse sentido, a pandemia, no Brasil, evidenciou, mais intensamente, as desigualdades históricas e com estas o acirramento das contradições e conflitos entre classes. Exemplo disso, foi o ocorrido no início do mês de julho em São Paulo, quando moradores do Bairro Morumbi, considerado um dos mais ricos da capital, reivindicavam, junto a Prefeitura Municipal, a construção de um muro para separar-se do Bairro de Paraisópolis, um dos mais pobres do estado. Essa situação revela os preconceitos de uma parcela da sociedade – elitista - sobre outra representada pela maioria da população brasileira que carece do mínimo necessário para ter qualidade de vida.

Esse acontecimento mostrou um pouco dos efeitos causados pela Pandemia, junto à população brasileira, que não tem sido apenas epidemiológicos, mas que refletem no escancaramento das desigualdades econômicas, sociais e culturais resultantes da péssima distribuição de renda no Brasil, sendo as maiores vítimas dessa política⁵ as populações vulneráveis como negros, pardos e populações tradicionais. Além disso, outros efeitos tem se revelado como o aumento do feminicídio e o acirramento de preconceitos, principalmente em relação aos grupos mais vulneráveis constituídos por negros e pardos que residem em favelas situadas nas periferias das grandes cidades como mostra o Relatório da Rede Nossa São Paulo, publicado em 05 de Novembro de 2019, na versão Mapa da Desigualdade da cidade de São Paulo. Entre as novidades estão a violência contra a mulher, o feminicídio; a violência homofóbica e transfóbica e a violência de racismo e injúria racial. Essa situação agrava-se em regiões do Norte e Nordeste, principalmente para as populações que residem em áreas rurais – comunidades quilombolas, indígenas e ribeirinhas - que sofrem com a falta de infraestrutura e

⁵ MACHADO, L. Da BBC News Brasil em São Paulo. 'Quem a polícia defende? De que lado está?', questiona autor de foto símbolo da desigualdade no Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50666148>. Acesso em: 20 jul. 2020.

atendimento básico à saúde e à educação.

Em vista disso, os efeitos provocados pela Pandemia Covid-19 escancarou, de forma abrangente, a história das desigualdades socioeconômica, cultural e educacional em que vivem a maioria da população brasileira. Para Barro, Henriques, Mendonça (2000) a origem dessa desigualdade iniciou ainda no período colonial e, no decorrer do processo histórico, acentuou-se com as mudanças estruturais geradas pelas transformações socioeconômicas e do mercado de trabalho. Isso implicou na falta de recursos financeiros e culturais que incidiu naquilo que Pierre Bourdieu (1998) chama de capital cultural, que inviabiliza todo um conjunto de investimentos para a aquisição de informações e conhecimentos que requerem horas em estudos e a participação em cursos e materiais para estar em constante atualização. Sem esse capital cultural os sujeitos encontram muitas dificuldades para realizarem a atividade trabalho.

Para agravar a situação, o contexto pandêmico levou ao fechamento das instituições de ensino que passaram a ofertar aulas *on-line*, sem, no entanto, considerar as condições socioeconômicas da maioria da população brasileira que, excluída do acesso aos aparatos tecnológicos e internet de boa qualidade, deixa de formar o capital cultural, destacado por Pierre Bourdieu.

Nessa mesma perspectiva, a Prof^ª. Dr^ª. Valéria Marcia Queiroz e o Prof. Dr. Hidelberto de Sousa Ribeiro trouxeram “Os impactos econômicos e sociais da pandemia de Covid-19 nos grupos vulneráveis” para refletir sobre os impactos econômicos e sociais da Covid-19 nos grupos mais vulneráveis, tais como: mulheres, favelados, população carcerária, trabalhadores informais, população de rua e refugiados.

Os professores destacaram que inicialmente havia a crença de que a doença e seus impactos econômicos e sociais atingiria, do mesmo modo, todas as pessoas, independente de classe social, cor, etnia e gênero. Alguns ditos populares como “estamos todos no mesmo barco” ou “estamos juntos nisto” foram amplamente disseminados. Segundo Darvey havia “[...] um mito conveniente de que as doenças infecciosas não reconhecem classe ou outras barreiras e limites sociais” (HARVEY, 2020, p. 21). No entanto, com a evolução dos casos de Covid-19 e, paralelamente, um olhar mais atento para a disseminação do vírus no Brasil e os efeitos ocasionados pelas medidas de prevenção de contágio da doença, indicados pelos órgãos de saúde, sobretudo pela OMS, constatou-se que a Covid-19 atingiria mais uns do que outros.

Sendo assim, foi possível perceber que alguns grupos populacionais eram mais vulneráveis tanto ao contágio como aos efeitos das políticas de prevenção da doença. Eram pessoas cujas vulnerabilidades precediam a doença e se agravaram com ela. Assim, as desigualdades sociais ocasionadas pelo sistema econômico, principalmente pelos capitalismo neoliberal, bem como as concepções de mundo fundamentadas em práticas sociais patriarcais, sexistas e machistas impuseram sobre determinados grupos sociais dificuldades quase impossíveis de serem suprimidas. Vale ressaltar que refletir sobre essas questões possibilitou pensar em formas de agir que contribuam para a superação dos fatores que historicamente tornaram alguns grupos populacionais vulneráveis em razão das mazelas econômicas e sociais.

O Prof. Dr. Luis Antônio Bitante Fernandes discutiu questões de Gênero, Identidades e Sexualidades: Corpos em tempos de Pandemia para contribuir, a partir de uma densa fundamentação teórica, com o entendimento das relações entre as categorias Gênero, Identidades e Sexualidades, para pensarmos Corpos, não em seus aspectos biológicos (simplesmente), mas como um ente sócio-bio-psi-político (amplo), em que em seus desdobramentos possamos compreender como as relações de poder e a dominação, a violência simbólica e os discursos conservadores implicam diretamente na atuação social e política de mulheres (no sentido amplo) e pessoas LGBTQI+.

Essa ação foi organizada em dois momentos, sendo que o primeiro discutiu questões relacionadas a “Gênero, Identidades e Sexualidades na construção dos Corpos atravessados pela pandemia” e, no segundo, a abordagem privilegiou os “Corpos como territórios e lugares do desejo e subversão da norma: invisibilidade em tempos de pandemia”. O conceito de gênero esteve fundamentado nas perspectivas sociológicas e antropológicas e em suas intersecções com a psicologia, a história e a linguística, de tal modo que foi possível compreender sua gênese e escopo no interior das discussões acerca da subjetividade e da conformação à experiência de corpos abjetos na sociedade contemporânea. Assim, foi necessário mobilizar um mosaico de leituras das ciências sociais que fomentaram os debates respaldados por uma visão sobre possibilidades de acesso, participação e representação política desses atores.

A continuidade das discussões que abordavam a educação, em maior ou menor grau, ganhou visibilidade com as professoras Dr^a. Marilene Marzari e Ma. Anna Maria Penalva que trouxeram o tema “Educação escolar: desafios de professores e família em tempos de pandemia Covid-19”, que teve como objetivo discutir os desafios impostos a professores e famílias em relação à educação escolar dos filhos no período da pandemia Covid-19.

As propositoras enfatizaram que muitas foram as demandas causadas pela pandemia Covid-19 que desencadearam em novos desafios tanto para gestores e professores como às famílias e estudantes que precisaram se reinventar para atender as demandas causadas pela suspensão das aulas e, conseqüentemente, pelo isolamento social requerido para evitar a disseminação e contaminação das pessoas. Destacaram, também, que na história da educação brasileira os professores se constituíram em espaços escolares com salas de aula organizadas com cadeiras e mesas enfileiradas, quadro de giz, livro didático e docentes que ensinavam os conteúdos, das diferentes disciplinas, fazendo uso, prioritariamente, de transmissões e explicações orais. Nessa concepção de educação escolar, de acordo com Veiga (1989), a aprendizagem se dava por meio da atenção, da realização de tarefas e da memorização e reprodução mecânica dos conteúdos transmitidos/explicados pelos professores. Essa lógica de ensino e aprendizagem, no decorrer dos anos, sofreu modificações, mas continuou sendo presencial/física e em espaços e concepções teórico-práticas semelhantes aos quais os professores se constituíram como tal.

Essa dinâmica pedagógico-didática, de uma hora para outra, pareceu que não mais fazia sentido e o processo de ensino e aprendizagem precisou ser recriado, pois professores e estudantes foram cerceados do direito de frequentar as dependências físicas das escolas e passaram a utilizarem-se de aparatos tecnológicos para continuar ensinando e aprendendo em diferentes espaços de suas residências que, diga-se de passagem, viraram espaços virtuais públicos. Isso atingiu tanto os professores como as crianças, os jovens e os adultos que frequentam, respectivamente, a educação infantil, o ensino fundamental e médio, em suas diferentes modalidades, e, também, o ensino superior seja da graduação ou da pós-graduação *lato e stricto sensu*.

As famílias, principalmente com filhos na educação básica, que tinham uma rotina de levá-los e buscá-los e/ou encaminhá-los diariamente à escola, precisaram modificar toda uma dinâmica familiar para assistir aos filhos que passaram a ficar em casa, mas recebendo cuidados e também desenvolvendo as atividades de estudos, encaminhadas por meio dos aparatos tecnológicos e/ou impressas, retiradas nas instituições em que os filhos estavam matriculados.

Essa situação causada pela pandemia acarretou em desafios para as escolas, uma vez que; por um lado, estavam os estudantes que, por questões financeiras, não possuíam acesso aos aparatos tecnológicos - computador/celular/tablet e internet que permitisse assistir e interagir com os professores e/ou colegas e nem contar com membros da família historicamente cerceadas, por diferentes motivos, do direito de acesso aos conhecimentos

escolares, portanto, sem as condições mínimas para ensinar os conteúdos das diferentes disciplinas. Somou-se a isso, a ausência de ambiente adequado para essa finalidade. Por outro, estavam os estudantes em que as famílias dispunham de condições econômicas e de escolaridade para auxiliar os filhos, mas “paralisadas” em relação aos procedimentos pedagógico-didáticos necessários para que os estudantes/filhos aprendessem os conteúdos escolares.

No que diz respeito aos professores, isso não foi muito diferente da situação vivenciada por milhares de estudantes e seus familiares, pois uma parcela significativa deles estavam em casa acumulando funções domésticas, cuidados com familiares, especialmente doentes, idosos, filhos pequenos e desempenhando suas atribuições profissionais impactadas pela situação de pandemia e isolamento social. Além disso, muitos contavam com os aparatos tecnológicos e acesso a rede de internet limitados que dificilmente permitem a navegação para pesquisas, inserção de conteúdos em plataformas, acesso a Plataforma Google *Meet* - Sala (Classroom), chats, fóruns, gravar vídeos e áudios, preparação de material de apoio entre outros, e, mais importante, acompanhar o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes. Tomando por base Vygotsky (2001, 2005), a aprendizagem gera desenvolvimento e vice-versa que ocorrem do interpsicológico para o intrapsicológico; portanto, esse processo requer, segundo Marzari (2016) a mediação didática dos mais experientes para que todos aprendam e se desenvolvam apropriando-se e internalizando os conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade.

Nessa concepção, a organização do ensino deve levar em consideração, segundo Leontiev (2004, 2005) e Facci (2004) o desenvolvimento psicológico individual, ou seja, as especificidades de crianças, jovens e adultos e de seus conhecimentos reais para mediar didaticamente a apropriação e internalização dos conceitos científicos, necessários ao desenvolvimento potencial. Isso demanda tempo, paciência, persistência, vivências, experiências, compartilhamento entre outros imprescindíveis ao desenvolvimento cognitivo que, durante a pandemia, ficaram seriamente comprometidos. Nos dizeres de Vygotsky (2001, 2005), a escola tem o papel de ensinar os conceitos científicos, sem, no entanto, negar a constituição histórico-cultural dos estudantes. Esse referencial diferencia-se de outras teorias psicológicas e pedagógicas que entendem, respectivamente que o sujeito nasce como uma folha em branco e o conhecimento, segundo Saviani (1991), considerado inquestionável/produto da ciência, deve ser impresso na mente do estudante, por meio de repetições e memorizações mecânicas, passíveis de serem transmitidas, também, pelo ensino remoto.

Na perspectiva da teoria histórico-cultural, segundo Davídov (1988), é preciso considerar as condições espirituais e materiais: as espirituais, no contexto de pandemia, são afetadas pela insegurança, pelo sofrimento, pela angústia, pelo desespero de perder pessoas próximas e não ter o direito de vivenciar a dor da tristeza, ou seja, de passar pelas fases do luto, de chorar o que for necessário para, depois, seguir em frente; as materiais dizem respeito às condições concretas como espaço físico, ambiente adequado, computador/celular com internet de boa qualidade, entre outros.

Alinhada com essas discussões a Prof^a. Me. Anna Maria Penalva e a Prof^a. Dr^a. Marilene Marzari trouxeram o tema “Intolerância nas relações interpessoais em tempos de pandemia”, cujo objetivo foi refletir a respeito das relações de intolerância interpessoais naquele momento em que o Brasil, mais especificamente, apresentava um número crescente de infectados em todos os estados da federação. Isso desencadeou certo “pânico” e “desconforto” envolvendo as relações interpessoais, já que uma das diversas orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) era o isolamento social, ou seja, as pessoas precisavam manter o mínimo possível de convivência próxima com pessoas e/ou grupos sociais.

Nessa situação, ocorriam sentimentos diversos nas pessoas tais como tristeza, ansiedade, depressão e, muitas vezes, reações de intolerância relacionadas às relações interpessoais, presentes nos tempos mais remotos da civilização, mas que ganharam evidência com o contexto de pandemia. Segundo Selaibe (2009) a tolerância, como admissão do direito a diferença, tem sido uma conquista do processo civilizatório e foi uma importante característica do Ocidente e fruto do Iluminismo. De acordo com os autores, a tolerância se constituiu como imprescindível para dar sustentação ao pluralismo de ideias, essencial ao desenvolvimento das sociedades, principalmente em tempos de muita tensão social. Contudo, situações marcadas pela intolerância foram vastamente divulgadas pelos meios de comunicação no período pandêmico, revelando o stress social vivenciado pela humanidade em virtude das novas condições de vida impostas à sociedade.

A continuidade das discussões ocorreram com o Prof. Dr. Maurício da Silva Guedes com o tema “Educação do Campo em tempos de pandemia: os desafios de ensinar e aprender na quarentena” para analisar os reflexos da pandemia na Educação do Campo. O professor destacou que existe certa unanimidade entre os analistas de que a pandemiada Covid-19 evidenciou (escancarou!) sobremaneira as desigualdades sociais brasileiras, inclusive dos povos do campo como: agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da Reforma Agrária, quilombolas, caiçaras, indígenas

entre outros que vinham de um histórico de direitos sociais negados, revelassem ainda mais as fragilidades em relação aos direitos básicos à saúde e à educação, por exemplo.

A Educação do Campo foi uma conquista que, nos últimos anos, ganhou visibilidade a partir da luta pelos direitos e afirmação cultural, mas que está em risco, principalmente a partir da suspensão das aulas presenciais e da adoção do ensino remoto que acabou potencializando a precariedade das condições de aprendizagem dos povos do campo. A lista de dificuldades vivenciadas por professores, familiares e estudantes da zona rural são desafiadoras, mais especificamente pelas dificuldades no acesso à internet de qualidade e sinal de telefonia, falta de auxílio para entregar/receber as atividades escolares impressas, distanciamento entre professores X estudantes, pouca escolaridade e conhecimentos pedagógico-didático dos pais e/ou responsáveis para auxiliar os filhos nas tarefas escolares, entre outros que comprometeram a formação escolar. Tais condições agravaram ainda mais o fenômeno da evasão escolar e do analfabetismo que, historicamente, apresenta números elevados junto a essa parcela da população brasileira.

Sendo assim, tornou-se urgente a mobilização para garantir as condições mínimas de cidadania às populações mais afetadas pela pandemia. Dentre elas a Educação do Campo que ofertou ensino *on-line* para manter os estudantes ativos; porém, muitos acabaram ficando prejudicados por estarem excluídos do acesso aos aparatos tecnológicos e de internet. Isso acabou por acentuar ainda mais as desigualdades de acesso aos conteúdos escolares ao ferir o princípio da “Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”, disposto no Inciso I, do Art. 206 da Constituição Federal de 1988, principalmente quando se teve uma total omissão por parte das políticas públicas.

Para finalizar o projeto, o Prof. Dr. Odorico Ferreira Cardoso Neto abordou o tema “A filosofia, os embates políticos, a empatia, a inclusão, os sentidos da vida e da morte na pandemia” com o intuito de multiplicar o gosto pela reflexão, pela capacidade de ler o mundo sob a batuta da liberdade um pouco tutelada por um diálogo orgânico, esmerado de fios condutores para que didaticamente se construa uma análise da realidade baseada no vigor da ciência que tem coração, pede afeto, pede abraço, pede carinho, pede razão, pede tolerância, pede respeito às diferenças, que são plurais e diametralmente contraditórias; um barco sem rumo, sem lenço, sem documento que pede paz, mas se engalfinham nas suas guerras mais mesquinhas.

Nessa perspectiva, a ênfase recai sobre a importância da ajuda mútua para enfrentar um momento tão complexo, no qual a morte não consegue se explicar diante da vida, se discute um “novo normal”, pois o “antigo normal” não conhecia a pandemia, ela impôs o

isolamento social, a falta de empatia governamental, a produção de desafios que traumatizaram o já dito e o já posto.

Avaliação dos participantes do projeto de extensão

Os participantes avaliaram o projeto de extensão: Educação em tempos de pandemia: contribuições das Ciências Humanas e Sociais repondendo questões fechadas com atribuição de notas em uma escala de zero a dez e abertas, na qual puderam dissertar a respeito de suas percepções pertinentes/referentes ao referido projeto. Em relação as questões fechadas, somente 3(6,3%) participantes atribuíram oito; 6 (12,5%) nove e 36 (81,3%) avaliaram com nota máxima/dez. Na mesma perspectiva foram avaliados cada um dos sete temas desenvolvidos pelos professores envolvidos e os resultados sinalizaram para uma avaliação, com variações mínimas, da realizada pelo projeto como um todo.

Quanto as questões abertas alguns participantes destacaram obstáculos, principalmente relacionados com o uso da internet que oscilava muito, as dificuldades em conciliar as atividades de estudo com as interferências domésticas, a experiência e desafio com a formação em ambiente virtual entre outras. De acordo com um participante: “[...] os temas despertaram o interesse, mas acredito que manter a atenção de alunos em uma plataforma *on-line* deve ser uma atividade difícil e que exige muito dos professores” (Participante do projeto, avaliação realizada em 26 de novembro de 2020). Mesmo assim,

[...] considero que tudo fluiu de forma muito dinâmica, a interação nas aulas foi possível, conseguimos tirar as dúvidas, deixar nossa opinião e discutir com os demais. Enfim, foram momentos de grande importância para minha formação pessoal, acadêmica e profissional (Participante do projeto, avaliação realizada em 26 de novembro de 2020).

Para a maioria a experiência com a formação *on-line* foi desafiadora e, ao mesmo tempo, instigante ao propiciar um espaço de diálogo, troca de saberes e de experiências com pessoas de diferentes municípios desse país para refletir a respeito dos desafios, principalmente em relação à educação e a garantia da vida para os grupos mais vulneráveis, em um contexto de pandemia que impôs o isolamento social para todos/as.

É pertinente destacar que o contexto de pandemia não deixou outra alternativa para o desenvolvimento das atividades educacionais, seja de projetos de pesquisa, de extensão e de aulas, mas, para os participantes “[...] o modelo presencial continua sendo insubstituível” (Participante do projeto, avaliação realizada em 26 de novembro de 2020).

Assim, embora as tecnologias tenham sua importância, inclusive na educação escolar, torna-se impossível substituir as questões pedagógico-didáticas que somente a escola presencial possibilita. Destaque para os conhecimentos científicos conectados aos culturais, as interações, as socializações, os diálogos, a formação de valores, o acolhimento e proteção fundamentais à formação humana. Assim, se considerarmos que a escola cumpre uma função social que é

[...] muito mais abrangentes na vida dos estudantes, que o processo de ensino e aprendizagem envolve a convivência, o diálogo e as interações, assumindo que o aluno deve ser sujeito do processo de aprendizagem, que ensinar não é apenas fornecer acesso a conteúdos e que as escolas desempenham ainda importante papel de oferecer alimentação e acolhimento, a alternativa de transferência das atividades presenciais pelas remotas descaracteriza não só a escola como o próprio processo pedagógico (FERREIRA; BARBOSA, 2020, p.8).

No tocante as sugestões, as críticas e/ou elogios a respeito do projeto, a maioria pontuou que o fato de abrir vagas para acadêmicos e comunidade externa, permitiu a participação de pessoas de municípios localizados em diferentes estados do país. Isso contribuiu para termos uma ideia da realidade de outras escolas, universidades e organizações sociais, para repensar tanto as questões pedagógico-didáticas como o contexto social.

Corroborando essa ideia, os professores envolvidos no projeto, em avaliação do curso, afirmaram:

O sistema atividade síncrona apresenta um certo distanciamento entre o grupo participante, porém possibilitou que tivéssemos pessoas de diversas regiões do país, o que foi de grande valia nas interações e diversidade de ideias, experiências profissionais e de vida (L.A.B.F. Avaliação do curso, 08 de dezembro de 2020).

Apesar das dificuldades advindas de se trabalhar, pela primeira vez, por meio de uma plataforma *on-line*, os resultados foram surpreendentes por viabilizar o conhecimento de várias realidades do país, bem como, o modo como esse período de pandemia está sendo vivenciado, sobretudo, por aqueles que estão a frente das escolas no Brasil. (V.M.Q. Avaliação do curso, 10 de dezembro de 2020).

Os problemas que tivemos foram mais relacionados à conexão (qualidade da internet dos participantes (docentes e cursistas)).[...] a minha avaliação geral do curso é superpositiva porque, para todos nós, docentes de diferentes áreas de formação, encarar o desafio de trabalhar juntos e num ambiente totalmente novo não é fácil e nem simples. Ao final, tivemos o nosso objetivo alcançado e com 'façanha' de manter encontros com número sempre alto de participantes. (M.S.G. Avaliação do curso, 03 de dezembro de 2020).

Registramos que, apesar das dificuldades apontadas, o grupo de professores foi coeso em avaliar essa experiência como muito edificante para todos e, assim, se sentiram desafiados a aceitar a solicitação dos participantes a realizar um novo projeto, uma vez que os temas abordados foram complexos e requerem mais tempo para aprofundamento e discussões, principalmente a respeito das tensões e desafios relacionados com a volta das aulas presenciais.

Outra questão destacada dizia respeito à gravação dos encontros que abordaram temas enriquecedores e requeriam maior tempo para reflexão e isso poderia ser feito assistindo as gravações. Enfim, a avaliação de uma participante representa muito do que foi a avaliação do curso.

A experiência foi boa, tudo muito bem organizado. Parabéns! Quanto aos professores esbanjaram, positivamente, experiência e conhecimentos, desde a exposição do material à disponibilidade e atenção dos mesmos com todos os alunos, fantásticos. O curso foi ótimo. O mesmo me despertou a vontade de conhecer mais sobre os temas e correlacioná-los com outras pesquisas e trabalhos. No tocante, às aulas ministradas, no contexto didática e exposição, foi ótimo. Todavia, a busca da excelência revela que o mestre é ensinável e, pode se tornar mais sábio ainda. No que concerne, as aulas ministradas, gostaria de agradecer e parabenizar os professores por sua didática, paixão demonstrada pelo que fazem (incentivo), comunicabilidade e extroversão durante o processo das aulas (Participante do projeto, avaliação realizada em 26 de novembro de 2020).

Os propositores do projeto também solicitaram dos participantes uma avaliação de seu processo de aprendizagem, em relação aos temas abordados. Nesse quesito, os resultados diferenciaram-se tanto que um avaliou sua aprendizagem em 60%; cinco em 7,0%; dez em 8,0%; quinze em 90% e dezessete em 100%.

No que diz respeito à produção do texto, pelos participantes, com reflexões e contribuições em relação a um ou mais temas abordados, produzido individual ou em grupo, temos a destacar que vinte e três produziram o texto que, no geral, destacaram questões relacionadas às desigualdades sociais que atingiram, durante o período de pandemia, as populações mais vulneráveis como indígenas, favelados, moradores de rua, migrantes, negros, detentos entre outros. Estudos tem mostrado que “[...] o vírus em si não discrimina, mas não há dúvidas de que a multiplicidade de opressões coloca alguns grupos racializados em situações muito mais vulneráveis frente à pandemia” (FIGUEIREDO, 2020, p. 322). Nesse contexto, algumas produções trouxeram as seguintes reflexões:

Populações já vulneráveis ficaram ainda mais desprotegidas como os negros e pardos da periferia que são marginalizados e sofrem com o racismo [...] vivem em favelas [...] formadas por habitações precárias, desprovidas de regularização e serviços públicos como falta de escolas, posto de saúde, ficando ainda mais vulneráveis ao coronavírus. Outro fator que torna mais difícil a proteção das pessoas da periferia é, muitas vezes, o tamanho de suas casas e o número de pessoas que [...] impossibilita o isolamento social (P. H. V. F. Produção de texto, 10 dezembro de 2020).

[...] a desigualdade social no Brasil é gritante e como os grupos que eram vulneráveis ficaram mais ainda, como os alunos da escola pública que, muitas vezes, não tiveram nem meios de estudar, devidamente, com o fechamento das escolas que não só servia como espaço de aprendizagem, mas como local de alimentação, acolhimento e refúgio ficaram prejudicados e vulneráveis, onde os mesmos moram em casas pequenas que comportam uma família grande. Com isso, muitas vezes, não tiveram local apropriado para sua aprendizagem (P. H. V. F. Produção de texto, 10 dezembro de 2020).

No entanto, vale ressaltar que a maioria das produções refletiram sobre a questão educacional no contexto da pandemia. Assim, os textos sinalizam que as desigualdades sociais também se manifestaram na educação escolar quando “[...] sentimos o impacto disso com o ensino remoto, as fragilidades sociais de determinados grupos que são, de forma silenciosa, excluídos do processo de ensino-aprendizagem que garanta o mínimo de qualidade necessária ao desenvolvimento” (A. P. L. B. Produção de texto, 10 dezembro de 2020). Inclui-se nesse rol os estudantes do meio rural que também sofrem as consequências das desigualdades quando são deixados a margem da infraestrutura e recursos necessários para ter acesso as tecnologias de informação e comunicação.

Temos lugares em que a tecnologia ainda não chegou e o contato com a escola ficou ainda mais escasso. O governo não disponibilizou recursos para os alunos do Campo e nem organizou ferramentas para as escolas, ao menos, tentarem desenvolver seu trabalho com os alunos. Ficando a escola com um mínimo de recursos para promover seu trabalho de forma digna e os alunos da zona rural ainda mais isolados com o período de pandemia, tendo que se distanciar ainda mais da escola (L. C. L.;V.C. P. Produção de texto, 10 dezembro de 2020).

Diante disso, o desafio imposto à educação escolar ao atendimento de uma parcela significativa da população, por meio de aparatos tecnológicos, comprometeu ainda mais o processo de ensino e aprendizagem de quem depende basicamente da escola para sonhar com a possibilidade de mudar as condições concretas de vida. Isso impediu a execução de um

direito constitucional enquanto dever do estado e das famílias, muitas dessas com baixa escolaridade, de garantir a obrigatoriedade da educação. A despreocupação dos gestores públicos – governo federal, estaduais e municipais - com a democratização da conectividade e com as populações mais vulneráveis tem sido um limitador para o acesso aos conhecimentos escolares durante o período de pandemia, uma vez que

[...] na prática, não houve possibilidade de que os estudantes fossem atendidos com equidade em suas necessidades de aprendizagem, em razão das condições econômicas a que estão submetidos, pois uma grande parte não dispunham dos recursos tecnológicos adequados (computador, celular adequado) para acompanhamento das aulas remotas, de modo que, vimos mais uma vez, a exclusão dos alunos menos favorecidos, que não puderam contar com orientações pedagógicas adequadas, tendo negado seu direito a um ensino adequado e transformador (S. M. A; J. M. A. F. Produção de texto, 10 dezembro de 2020).

[...] no contexto pandêmico não só alunos de escolas públicas foram afetados com o fechamento das escolas, mas também os professores que tiveram que se adequar rapidamente as novas plataformas de ensino, onde muitos fizeram uma rápida capacitação para começar a dar suas aulas remotamente, e tiveram que pensar em seus alunos que não tiveram como acompanhar as aulas, seja por falta de internet ou aparelhagem, tendo, assim, que fazer atividades diferenciadas para os mesmos (P. H. V. F. Produção de texto, 10 dezembro de 2020).

A precariedade advinda das condições concretas de uma sociedade desigual economicamente tem comprometido as possibilidades de ensino *on-line*; por um lado, estão os profissionais da educação que não tiveram formação e tempo hábil para uma melhor preparação para lidar com esse modelo de organização do ensino. Diante disso, foram inúmeras as dificuldades em lidar com

[...] o manuseio das tecnologias, posto que boa parte deles não tiveram um treinamento eficaz para desenvolver esta função. A necessidade destes profissionais em se alfabetizarem tecnologicamente, por não ter sido contemplada por secretarias de educação, inviabilizou muito o início das atividades [...] o que demandou muitos esforços por parte dos educadores no sentido, não somente de planejar as atividades curriculares, mas de pensar a finalidade social da escola (S. M. A; J. M. A. F. Produção de texto, 10 dezembro de 2020).

Muitos momentos angustiantes foram concretizando no decorrer das aulas não presenciais, incertezas, medo, resistência com a tecnologia, dificuldade de manusear aplicativos, gravar aulas e fazer edição de vídeos, modificação

e variações das linguagens digitais, enfim, dificuldades com a memória dos dispositivos móveis, falta de equipamentos e assistência tecnológicas e a não democratização quanto ao uso da internet (L. A. M. B; L. D. S. B; N. A. R. F. Produção de texto, 10 dezembro de 2020).

Por outro, os pais e/ou responsáveis que também não estavam esperando mudanças tão bruscas em relação a seu processo de aprendizagem e desenvolvimento dos filhos, principalmente porque “[...] grande parte dos estudantes não possui acesso a computadores e internet de banda larga (em países de renda média e baixa, o índice de acesso à internet, em geral, é inferior a 50%) (COLEMARX, 2020, p. 10).

Soma-se a isso o fato de que muitos acreditam que os estudantes, por serem ativos digitais, não teriam dificuldades com a utilização de *softwares* livres e plataformas diversas, mas não foi bem isso que a realidade mostrou: “[...] nos enganamos, já que a apropriação que estes alunos fazem das tecnologias é basicamente voltada para as redes sociais e jogos, com isso acabam dependendo também do conhecimento prévio do professor para dar suporte (J. R.A.J. Produção de texto, 10 dezembro de 2020).

Em relação ao contexto educacional no país, estudos têm mostrado que

[...] muitos no Brasil não têm acesso a computadores, celulares ou à Internet de qualidade – realidade constatada pelas secretarias de Educação de Estados e municípios no atual momento – e um número considerável alto de professores precisou aprender a utilizar as plataformas digitais, inserir atividades *on-line*, avaliar os estudantes a distância e produzir e inserir nas plataformas material que ajude o aluno a entender os conteúdos, além das usuais aulas gravadas e online. Na pandemia, grande parte das escolas e das universidades estão fazendo o possível para garantir o uso das ferramentas digitais, mas sem terem o tempo hábil para testá-las ou capacitar o corpo docente e técnico-administrativo para utilizá-las corretamente (REIMERS; SCHLEICHER, 2020, p.2).

Essa realidade vivenciada pelos brasileiros requer, por parte dos sistemas educacionais, o desenvolvimento de alternativas para garantir o direito à aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes, seja por meio dos aparatos tecnológicos e/ou pela entrega de material impresso para atender suas especificidades. Em relação a isso,

A forma de se chegar até o aluno com as atividades escolares foi [...] a entrega de atividades programadas, grupos de estudos por telefone, sendo que a maioria do respaldo das tarefas escolares por parte do estudante não chegou até o professor, sem nenhuma devolutiva e assim ficando incapaz de

acompanhar o desenvolvimento e a tentativa de aprendizado do aluno. (L. C. L.; V. C. P. Produção de texto, 10 dezembro de 2020).

[...] muitos alunos da rede pública não tiveram meios de acessar as aulas remotas por falta de aparelhagem necessária, pois muitas famílias tem um celular e mais de um filho e que, muitas vezes, os mesmos estudam em séries diferentes, prejudicando, assim, a aprendizagem dessas crianças já tão desfavorecidas (P. H. V. F. Produção de texto, 10 dezembro de 2020).

Em que pese todos os esforços despendidos por educadores, comprometidos com uma educação emancipatória, tem predominado uma política pautada, nos dizeres de Freire (1987), em uma educação bancária e acrítica que acentua ainda mais a exclusão social, principalmente dos mais vulneráveis e excluídos dos bens culturais produzidos historicamente pela humanidade. Essa política direciona os sujeitos para atender

[...] as demandas do mercado de trabalho, de forma alienada, sem a capacidade de refletir sobre as injustiças sociais a que estão submetidos, sendo, portanto, explorados pelos patrões e/ou impedidos de adentrar os espaços formais de trabalho ficando imersos no trabalho informal e/ou subempregos que não garantem o sustento e dignidade humana (S. M. A; J. M. A. F. Produção de texto, 10 dezembro de 2020).

Essa política de educação nega a formação de sujeitos capazes de refletir e fazer a leitura crítica a respeito das contradições sociais e a exclusão social do cenário em que estão inseridos, ou seja, vai na contramão de uma educação socialmente justa voltada para a emancipação humana, conforme defendia Freire (1987) em toda sua trajetória de educador, reconhecimento que lhe deu o título de Patrono da Educação Brasileira, questionado pelos conservadores, fascistas e negacionistas que estão, nesse contexto, ocupando o poder político do país. Nesse sentido, “O atual governo de Jair Bolsonaro tem demonstrado claramente que prefere seguir o caminho da desinformação, à falta de apoio a ciência e a população” (A.F.M.R.; P.R.A.M.V. Produção de texto, 10 dezembro de 2020). Para as autoras, a situação vivenciada requer cuidado, mas também reflexão sobre a sociedade que queremos e a finalidade da educação no sentido de uma sociedade mais justa e solidária, na qual a diminuição das desigualdades precisa ser a meta prioritária das políticas públicas, inclusive educacionais.

Enfatiza-se que as medidas adotadas emergencialmente por meio do ensino *on-line* e material apostilado são paliativos, embora necessários diante da situação que nos encontramos; porém, o período pós-pandemia precisa ser muito bem estudado, refletido para

construirmos políticas públicas educacionais que venham a superar/sanar, a médio e longo prazo, as fragilidades causadas durante a pandemia, tendo em vista as lacunas no processo de aprendizagem e desenvolvimento, oriundas das políticas precárias e/ou ausentes no atendimento das populações mais vulneráveis.

Nesse sentido, a pandemia, causada pelo Covid-19, acabou escancarando as desigualdades sociais que assolam a sociedade brasileira, uma vez que elas perpetuam-se ao longo do processo histórico e foram agravadas durante esse período de quarentena. Assim,

[...] todas essas desigualdades vêm de fatores históricos e sociais que precisam ser revistos, percebe-se o quão são necessárias políticas públicas que visem diminuir essas desigualdades que assolam, principalmente a parcela menos favorecida da população brasileira que, muitas vezes, sofre com tamanho descaso e falta de empatia do poder do público (P. H. V. F. Produção de texto, 10 dezembro de 2020).

É nesse contexto que a realidade ficou mais escancarada, mostrando o quanto é necessária uma educação em que os valores humanos se sobreponham aos econômicos. Para isso, o retorno às escolas precisa privilegiar a prática do diálogo, do acolhimento, do ouvir, do respeito ao luto entre outros que marcaram a vida de cada um/uma e de todos/as, uma vez que, para uma sociedade mais justa, toda vida importa. Sabemos que foram muitas perdas humanas, sofrimentos, angústias e medos experienciados, mas

[...] não sabemos o que os estudantes vivenciaram, como foi a trajetória durante a pandemia e para refletir esses assuntos é necessário que a escola promova essa abertura, com discussões para subsidiar alternativas que fortaleçam o vínculo, o acolhimento e desenvolva habilidades emocionais dentro do contexto escolar, um lugar para avançar nas perspectivas do humano (L. A. M. B; L. D. S. B; N. A. R. F. Produção de texto, 10 dezembro de 2020).

Pelo exposto podemos afirmar que o avanço das políticas neoliberais tem feito com que muitos países que aderem a essa concepção tenham sofrido impactos devastadores em relação aos direitos humanos, como é o caso do Brasil, em que a maioria de sua população, mais especificamente os grupos vulneráveis são vistos como empecilhos para o desenvolvimento do capitalismo, e, por isso, tornam-se o que Agamben (2002) definiu como “vidas matáveis”, a fim de se garantir o exercício do poder soberano. Sendo assim, quanto mais vítimas o Coronavírus causar junto a essa população, mais estará contribuindo para a resolução de problemas estruturais, próprios do modo de produção capitalista, pois,

como aponta Queiroz (2019) “[...] nesse novo arranjo do mundo globalizado, a garantia da ordem é a principal função do Estado” (QUEIROZ, 2019, p. 40).

Considerações finais

O objetivo do projeto consistia em discutir com os acadêmicos e membros da comunidade externa temas relacionados à educação que afetaram, em tempos de pandemia, pessoas e grupos sociais, principalmente os mais vulneráveis em termos econômicos e sociais. Assim, o projeto foi uma provocação e um desafio para compreender a realidade a partir de uma leitura filosófica, sociológica, psicológica, pedagógica e política diante de um cenário de ‘batalha’ que requer o fortalecimento de ações que sinalizem para outro mundo possível de ser construído e arquitetado. Nesse sentido, tomamos como base epistemológica as Ciências Humanas e Sociais para discutir a composição da realidade, por meio de uma leitura interdisciplinar que entrelaçou conceitos, experiências e reflexões de pesquisadores da área acerca da humanidade e suas reações diante às tragédias humanitárias.

Esse exercício teórico-prático teve um viés dialético que, por um lado, permitiu a aproximação de conhecimentos do senso comum com as vicissitudes científicas e, por outro, deu um caráter extensionista ao unir os acadêmicos e comunidade externa no sentido de produzirem “troca de saberes entre a universidade e a sociedade”, principalmente relacionados a educação escolar quando as aulas presenciais foram suspensas e instituído o ensino *on-line* que, de uma forma ou de outra, causou angústias, estresse e desafios tanto aos profissionais da educação como para estudantes e familiares que tiveram que se adequar, apressadamente, aos aparatos tecnológicos para minimizar os efeitos causados pelo contexto pandêmico que afetou com mais intensidade os grupos mais vulneráveis da sociedade. Assim, as discussões ligaram conhecimentos teóricos e específicos difundidos por práticas vivenciadas e esperança de acreditar que outro mundo é possível, desde que haja capacidade de reagir ao mal estar de desumanização a que estamos sujeitos, principalmente diante do caos humanitário, em que se naturalizou a miséria e a falta de empatia e tolerância social.

Considerando o contexto pandêmico em que todos estávamos envolvidos e que dificultaram o contato físico, os olhares, as expressões, os abraços calorosos e confortantes, no qual muitos vivenciaram diferentes situações que nos preocupa, assusta, angustia, amedronta diante de tantas vidas ceifadas pelo vírus em nosso país ... tocamos a vida, mesmo que virtualmente, acreditando em dias melhores para todos/as.

Referências

AGAMBEN, G. **Hommo Sacer**: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

BARROS, Ricardo Paes; HENRIQUES, Ricardo; MENDONÇA, Rosane. **Desigualdade e pobreza no Brasil**: a estabilidade inaceitável. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

COLEMARX. Coletivo de Estudo Marxismo e Educação. Em defesa da educação pública comprometida com a igualdade social. Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2020/04/30/faca-o-download-da-publicacao-do-colemarx-sobre-o-ensino-a-distancia-e-a-pandemia/>. Acesso em: 20 set. 2020.

DAVÍDOV, Vasili Vasilievich. **La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico**: investigación psicológica, teórica y experimental. Moscou: Editorial Progreso, 1988.

DAVIS, Angela & KLEIN, Naomi. **Construindo movimentos**: uma conversa em tempos de pandemia. Rio de Janeiro: Boitempo, 2020.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. A periodização do desenvolvimento psicológico individualna perspectiva de Leontiev Elkonin e Vigotski. Educação & Sociedade — **Revista quadrimestral de Ciências da Educação**/Centro de Estudos Educação e Sociedade(CEDES),Campinas,v.24, n. 62, p. 64–81, abr.2004.

FERREIRA, Luciana Haddad. & BARBOSA, Andreza. Lições de quarentena: limites e possibilidades da atuação docente em época de isolamento social. **Práxis Educativa**, v. 15, e2015483, p. 1-24, 2020.

FIGUEIREDO, Ramon Grosfoguel por Angela. Geopolítica, capitalismo global e o impacto da pandemia da covid-19 no mundo. **Revista do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais I** Vol. 3. n. 1, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz eTerra, 1987.

HARVEY, David. Política anticapitalista em tempos de covid 19 *in* DAVIS, Mike et al. **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

LEONTIEV, Aléxis N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. Trad. Maria da Penha Villalobos. *In*: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. (Orgs.). **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 9. ed. São Paulo: Ícone, 2005.

MARZARI, Marilene. **Ensino e aprendizagem de didática no curso de pedagogia**: contribuições da teoria desenvolvimental de V.V. Davydov. São Paulo: Paco, 2016.

QUEIROZ, Valéria Marcia. **Mulheres encarceradas por tráfico de drogas: motivações e vivências em Mato Grosso, Goiás e Porto (PT).** 2019. 209 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2019.

REIMERS, Fernando M.; SCHLEICHER, Andreas. **Un marco para guiar una respuesta educativa a la pandemia del 2020 del COVID-19.** Disponível em: <https://fe.ccoo.es/30b7657046638d44d2a86dcc6a602045000063.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991. (Coleção polêmicas do nosso tempo, v. 40).

SELAIBE, Mara. Intolerância e relações humanas. *In: Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 15 Região*, Campinas, 2009.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de didática.** 7. ed. Campinas: Papirus, 1989.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem.** Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** Trad. Maria da Penha Villa lobos. 9. ed. São Paulo: Ícone, 2005.